



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita a Aracaju

Aracaju-SE, 15 de março de 2006

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não, eu não tenho preocupação de batalha. Primeiro, porque uma eleição política não significa uma guerra, é uma disputa democrática. Segundo, porque eu não defini se sou candidato. Terceiro, porque os adversários quem escolhe são aqueles que querem concorrer contra o governo. Até junho, a minha preocupação é viajar pelo Brasil. Eu tenho muita coisa para fazer no Brasil e, no meio de todas essas coisas que eu tenho para fazer, nós temos, dia 21 de abril, a consagração da Petrobras, atingindo a auto-suficiência. Todos os governantes que passaram pelo Brasil trabalharam muito pela Petrobras e eu tive apenas a felicidade de ser, no meu mandato, que a Petrobras atinge a auto-suficiência.

Jornalista: Na entrevista o senhor disse que era o único que poderia defender o povo do Nordeste, se fosse candidato.

Presidente: Eu não disse que era o único que deveria defender. Veja, eu sou nordestino, tenho uma consciência de Nordeste, conheço o Nordeste como a palma da minha mão como nenhum outro conhece, acho que o Brasil precisa ser administrado de forma a fazer com que o dinheiro arrecadado pela União seja repartido de forma mais justa. Acho que tem estados, no Brasil, que já tiveram sua chance, já tiveram os investimentos. E o Nordeste brasileiro e o Norte do país precisam do seu momento histórico. Então, nós estamos começando um século. Nós precisamos fazer pelo Nordeste o que não fizemos



no século XX, ou seja, tentar dar ao Nordeste as oportunidades que outras regiões do Brasil tiveram ao longo de muito tempo. É apenas isso.

Quando um estado fica forte e vigoroso, como São Paulo, por exemplo, como Minas Gerais, como Rio Grande do Sul, são estados de economia tão fortes, tão pujantes, que eles conseguem andar pelas próprias pernas. Outros estados, que são mais debilitados do ponto de vista econômico, têm que ter o papel da União. Eu vou dar um exemplo: nós mandamos um projeto para o Congresso Nacional estruturando a Sudene e agora precisamos colocar dinheiro na Sudene. Nós temos 2 bilhões e meio de reais para colocarmos na Sudene, esse dinheiro era para criar um fundo de desenvolvimento, via Sudene, mas as pessoas ficam brigando para que cada estado pegue um pouco de dinheiro, ou seja, o que não resultará num montante de dinheiro capaz de construir grandes projetos de desenvolvimento para o Nordeste.

Quando nós pensamos no biodiesel, nós pensamos na independência energética brasileira, e nós pensamos também no Nordeste brasileiro, porque é extremamente necessário...

Jornalista: O que falta para o senhor se apresentar como candidato?

Presidente: Não me falta nada. Primeiro, porque o presidente da República não tem que ter pressa de se definir. O Presidente da República tem que cumprir com o seu mandato. Eu estava dizendo, agora há pouco, veja como no Brasil as coisas são difíceis: você ganha uma eleição num ano – vamos pegar o caso do Presidente da República – você ganha as eleições no ano, então o primeiro ano você consegue fazer muito pouco, porque você tem o Orçamento feito no governo anterior. Você chega no ano seguinte, você vai começar a trabalhar, tem eleições para prefeito. Ou seja, significa que de junho em diante você não pode fazer convênios com prefeituras, repassar dinheiro. Aí, vem 2005, aí você governa. Quando chega 2006, que você tem que governar outra



vez, chega o mês de junho, você não pode mais fazer contratos, convênios, acordos. Quando, na verdade, um administrador – seja ele prefeito, governador, presidente da república – deveria poder fazer os acordos, os contratos, até o último dia do seu mandato, porque é para isso que nós somos eleitos, para trabalhar, para fazer as coisas acontecerem. Se a gente não fizer os acordos e os convênios, a coisa não anda.

Eu tenho a alegria e a felicidade de ter, aqui, no estado de Sergipe, bons investimentos do governo federal. Nós não escolhemos aquela cidade em que nós fomos lançar universidade, aquela cidade é governada pelo PSDB. Nós estamos financiando, via BNDES, a ponte que o governador está fazendo, porque nós não fazemos discriminação de quem é o governador, de que partido ele é. Nós queremos saber se tal obra é necessária ao povo de uma região. Então, é assim que nós trabalhamos e é assim que nós queremos concluir o nosso trabalho.

Jornalista: Presidente, as denúncias contra o Palocci tem objetivo eleitoral?

Presidente: Os resultados é que vão dizer se têm ou não têm.

Jornalista: A sua confiança nele continua inabalável?

Presidente: Inabalável.

Jornalista: Presidente, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, é um adversário difícil, na sua avaliação?

Presidente: Olha, eu acho que ele foi um adversário muito difícil para o Serra. Veja, eu tenho um profundo respeito pelo Alckmin, tenho uma relação de amizade boa, temos uma convivência democrática, eu acho que ele é um



candidato à altura de disputar a Presidência da República do Brasil, governa o estado de São Paulo. Agora, meu caro, isso é como um final de campeonato. Na hora em que os times estiverem definidos e começar a disputa, é que a gente vê quem é que está mais preparado, quem tem mais tática, mais técnica. Isso a gente tem que esperar.

Jornalista: Mas ele não tem o vínculo com o governo passado, de ser elemento surpresa?

Presidente: Veja, não tem nenhum problema. Ele tem independência, governou o estado de São de Paulo. São Paulo é um estado muito importante, gente. Qualquer pessoa que governa a cidade de São Paulo, o estado de São Paulo e qualquer estado brasileiro está preparado para qualquer outra disputa. O que me preocupa, agora, é inaugurar esse PAR, o maior PAR do Brasil e vocês da imprensa precisaria atentar para uma coisa: vocês que já visitaram comigo vários PAR. Olhe, este aqui é um sistema habitacional, é o maior PAR de todo Brasil, são 500 unidades, e vocês vão perceber que a criatividade do sergipano é superior a de muitas outras pessoas, porque eles pegaram um terreno e construíram uma casa para a frente, a outra para trás. Só que, uma em cima, a outra embaixo, com duas entradas separadas, numa criatividade que permite até que o jornalista possa comprar uma casa do PAR e pagar 180 reais por mês.